

HISTÓRIA DAS IDÉIAS LINGÜÍSTICAS: ORIGEM, MÉTODO E LIMITAÇÕES

Leonor Lopes Fávero*

Márcia A G Molina*

RESUMO: *O trabalho, primeiramente, propõe-se a examinar as relações entre a História das Idéias Lingüísticas e a História das Idéias, ciência concretizada com o surgimento dos Annales e da École des Annales, em 1929, discutindo a noção de história, entendida não mais como mero arrolar de fatos e datas, mas como ciência interdisciplinar e cultural, cujo papel é também estabelecer relações e analisar representações. Examina, depois, o conceito de 'idéia lingüística', as tarefas e limites do pesquisador da História das Idéias Lingüísticas, enfatizando duas de suas principais dificuldades: a exaustividade e a busca, seleção e interpretação dos dados, mostrando que esse estudioso deverá somar às especificidades de sua área as do historiador.*

PALAVRAS-CHAVE: *História; História das Idéias; História das Mentalidades; História das Idéias Lingüísticas.*

Introdução¹

Frente à questão da interdisciplinaridade, tão abordada atualmente nos meios acadêmicos, percebeu-se a necessidade

* Universidade de São Paulo - USP/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP/ CNPq

* Universidade de Santo Amaro/ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Lingüística e Semiótica da Universidade de São Paulo.

As autoras agradecem ao Prof. Dr. Luiz Antonio Dias a leitura cuidadosa e sugestões feitas quando da 1ª versão do texto.

de de aproximarem-se duas ciências que já estavam ligadas, até mesmo por sua essência: a História que, hoje, mais que arrolar datas e fatos, procura discutir novos objetos: atitudes perante a vida e a morte, crenças, comportamentos, religiões, etc. e a Lingüística que, *grosso modo*, estuda o meio essencial da comunicação humana, a linguagem.

Essa última, como se sabe, auxiliada pelo cientificismo que iluminava os grandes estudiosos do século XIX - especialmente Franz Bopp, Irmãos Grimm e Max Müller -, passou a ser compreendida como ciência, já que seus fatos poderiam ser descritos, analisáveis e comprovados. E, de lá para cá, foi inegável seu grande desenvolvimento, alavancado pelo estruturalismo saussureano e desaguando nas teorias hodiernas do texto. O elemento facilitador desse rápido caminhar repousa num constante *jogo de oposições*: é no momento de crise, de contradição, de *clivagem*, que se fazem as mudanças. O comparativismo surgiu em oposição às teorias especulativas; o estruturalismo, ao comparativismo; a gerativo-transformacional, ao estruturalismo; e contra os estudos circunscritos no limite da frase vieram as teorias do texto:

As grandes transformações dos saberes lingüísticos são, antes de tudo, fenômenos culturais que afetam o modo de existência de uma cultura do mesmo modo que dela procedem. (Auroux, 1992: 29)

O mesmo acontece com e na História. São, pois, nesses e desses momentos conflituosos que se operam as reviravoltas, as mudanças, as guerras... A Idade Média, por exemplo, não compreende o período estabelecido entre a *queda* do Império Romano no Ocidente e a *invasão* de Constantinopla pelos turcos? A Idade Moderna não se instaurou, sobretudo, em virtude da *derrocada* da economia feudal e do *renascimento* do comércio, culminando com as grandes navegações?

Assim, então, similarmente ambas as ciências se fazem e se desenvolvem. Apesar de terem caminhos tão paralelos, a História sempre se valeu da linguagem para registrar suas mudanças

e desenvolvimentos, mas a Lingüística até o século XIX pouco se servira da História, excetuando-se, obviamente, os estudos histórico-comparativos

De lá para cá, o desenvolvimento institucional de ambas favoreceu uma multiplicação de trabalhos entrelaçando essas disciplinas, dentre eles, destacamos os da história dos conhecimentos lingüísticos, inscritos por Auroux (*opus cit*:11) em *três categorias*: os que são fonte para uma pesquisa empírica; os que se assemelham à prática cognitiva da qual se originam; finalmente, os que executam *papel fundador*, isto é, aqueles que são voltados para o passado para *legitimar uma prática cognitiva contemporânea*.

Este trabalho debruça-se especialmente sobre a *História das Idéias Lingüísticas*, linha de pesquisa já bastante produtiva no Brasil², propondo algumas questões que merecem ser discutidas, tais como: de que trata, efetivamente, essa *História*, qual sua origem, métodos e limites?

Parte-se aqui do princípio de que ela é parte da *história cultural cujo principal objeto é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler*. (Chartier, 1990:16,17) e que:

(...) não há civilização atual que seja verdadeiramente compreensível sem um conhecimento de itinerários já percorridos, de valores antigos, de experiências vividas. (Braudel, 1989:53).

1. Um novo olhar sobre a História: A História Nova e Os Annales

O termo *História* possui, como se sabe, inúmeras conceituações. No senso comum é compreendido como *conjunto de eventos e fatos*

² Pioneiramente, os professores Eni P. Orlandi e Eduardo Guimarães (UNICAMP) têm-se dedicado proficuamente a essa linha, com inúmeros trabalhos já publicados.

que compõem o passado humano, reconstruídos por meio de procedimentos específicos; e como o ramo do conhecimento que trata da compreensão desse passado, encarando-a, assim, como disciplina.

Porém, os dados não apontam para tamanha simplicidade, já que se deve lembrar que os eventos são arrolados por estudiosos os quais, por sua vez, possuem visões de mundo diferentes. Pensadores *idealistas* de hoje, por exemplo, diriam que os fatos não possuem realidade exterior, dependendo, portanto, das *idéias e representações* que se têm sobre eles.

Se se compreender *História* como *saber*, recair-se-á sobre uma problemática já bastante discutida: que saber é esse? Quem é o responsável pelas escolhas dos fatos que constituíram nosso conhecimento sobre o passado?

Questões como tais, somadas às relativas ao verdadeiro papel da *História*, tanto seus métodos, quanto sua abrangência e relação com outras disciplinas, fizeram com que alguns estudiosos no final do século XIX e início do século XX começassem a repensar os limites dessa disciplina, influenciados de maneira bastante significativa pelos ensinamentos das *ciências sociais*. Foi proposta então uma *nova história*, concebendo o tempo de modo pluridirecionado, múltiplo, não linear, que dialoga com vários outros tempos e diversas disciplinas.

Mudando a concepção, mudam-se também as técnicas e métodos. Se antes uma análise histórica era feita por meio do estudo da documentação, dos registros dos fatos julgados realmente relevantes: história de reis, batalhas, revoluções, agora se torna *massiva*, e

(...) os documentos se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social. (Reis, 1996: 126).

A *École des Annales* - em oposição à *escola metódica*, que valorizava a erudição, privilegiando a dimensão política e enfatizando o

conhecimento de *longa duração* - esforça-se em aproximar a História de outras disciplinas, debruçando-se menos nas narrativas dos acontecimentos e *mais na análise de suas estruturas* (Burke, 1992:12), defendendo a necessidade de uma história *total*, ou seja, capaz de estudar, simultaneamente, o econômico, o social e o cultural.

Essa *nova história* dedica-se não somente a recontar o passado, mas a reabri-lo, interpretá-lo, num diálogo constante com o seu presente. O objetivo dessa nova percepção não é, de acordo com Febvre (s/d: 30), apenas reconstituir o passado, mas alargar horizontes, *ligar as idéias e métodos*, reconstruí-lo, fechando fendas.

Foi essa a mudança substancial na compreensão da história a efetuada pelos *Annales*, na figura de seus pensadores: Febvre, Bloch e Braudel, e que perdurou, estendeu-se e até modificou-se no transcorrer de suas três gerações, como se verá.

2. Os Annales: fundadores e gerações

Lucien Febvre e Marc Block, influenciados pelo cientificismo do século XIX e início do XX, começaram a pensar numa história-ciência, em constante construção, não mais mero arrolar de fatos e datas, e caracterizada pela apreensão de uma história-problema. Febvre a definia como *ciência dos homens, da mudança perpétua das sociedades humanas* e Block como *a ciência dos tempos no homem*, que só pode ser compreendido em sua estrutura social. Para Block, portanto, o objeto da história são os homens, suas significações, ações e intenções, analisadas em seus grupos.

Febvre e Block, juntos, na Universidade de Estrasburgo, refletem então sobre a possibilidade de renovarem todo o estudo histórico como disciplina. Depois de vários contatos com renomados estudiosos daquela Instituição, fundam, em 1929, a revista *Les Annales d'Histoire Économique et Sociale*, estendendo a História para todas as áreas, interdisciplinar por essência:

Não há história econômica e social. Há simplesmente a história, na sua Unidade. A história que é toda ela social, por definição. A história que considero o estudo, cientificamente conduzido, das diversas actividades e das diversas criações dos homens de outrora, tomados na sua data, no quadro de sociedades extremamente variadas e contudo comparáveis umas com as outras. (Febvre, s/d: 40)

Paralelamente à criação dos *Annales*, é fundada a *École des Annales*, traduzindo as mesmas propostas relacionadas no editorial do primeiro número da revista :

Acabar com o espírito de especialidade, promover a interdisciplinaridade e passar dos debates teóricos a produções concretas, no campo da história contemporânea.

Seus idealizadores não se conformavam, como já dissemos, com a *história historizante*, que se preocupa apenas com os fatos singulares, sobretudo com os dos políticos, dos militares e dos diplomatas. De modo geral, entendiam que ela deveria desprender-se do modelo antigo, da mera descrição factual, para falar do fato em toda sua espessura, tudo seria encarado como dado e problema, dialogando com todos os vários aspectos sociais, interpretando-o:

História ciência do Homem, e então os fatos, sim: mas os fatos humanos; tarefa do historiador: encontrar os homens que os viveram, e deles os que mais tarde aí se instalaram com as suas idéias, para os interpretar. (Febvre, s/d: 31)

Tal maneira problematizante de encarar o fato histórico, da constatação da necessidade de uma mudança radical na compreensão da História, é o que caracteriza a primeira geração dos *Annales*, que ficou marcada ainda pela heterogeneidade e por uma grande abertura na aceitação de novas propostas e métodos.

A segunda geração, conhecida como a *Era Braudel*, já que este foi seu grande expoente, caracteriza-se por situar a história em três escalões: *na superfície*: a história dos acontecimentos, do

tempo curto; *na meia encosta*: uma história conjuntural, que segue ritmo mais lento; e *na profundidade*: uma história de longa duração. Essa geração foi marcada por quantificações, por técnicas, e até mesmo pela penetração do marxismo.

A última geração dos *Annales*³, representada principalmente por Le Goff, Le Roy e Chartier, é bastante influenciada pelo estruturalismo, fazendo, portanto, uso da metáfora *do porão ao sótão*. Modifica, então, suas preocupações, centrando-se nas *mentalidades*, nas vidas cotidianas, firmando-se em representações e interpretações, ampliando sensivelmente o conceito de *fonte*, utilizando-se de vários tipos delas: documentos psicológicos, arqueológicos, orais, religiosos, fazendo uma sábia e benfazeja *mistura*.

Embora com traços tão distintos, o elemento unificador dessas três gerações é mesmo a interdisciplinaridade, a análise de fatos advindos de várias áreas, tendo em vista a construção de uma história-problema, atribuindo especial importância à interpretação dos dados e buscando constantemente o esclarecimento dos porquês.

Os *Annales* hodiernamente continuam gozando do mesmo prestígio, firmando-se como centro de poder intelectual na sociedade francesa, tendo suas luzes iluminado de forma muito particular a Lingüística, como veremos adiante.

3. História das Mentalidades e História das Idéias

É importante especificar aqui que a *História das Mentalidades* tem seu nascimento ligado ao surgimento das obras de Febvre, na época da Primeira Grande Guerra, quando ele e mais um grupo de estudiosos, como Bloch, o belga Pirenne, geógrafos como Damangeon, sociólogos como Brihl e Halbwachs, grupo que mais tarde inspiraria a criação dos *Annales*, imprimiram um novo olhar

³ Também chamada *Nouvelle Histoire*.

sobre a História, desviando-o das hierarquias para as relações, das posições para as representações:

Tous ces auteurs, qu' ils appartinssent au groupe des Annales ou lui fussent étrangers ou marginaux, reconnaissaient à l'histoire un autre domaine que celui où elle avait été auparavant vers la décision politique, la propagation des idées, la conduite des hommes et des événements. (Ariés, in La nouvelle histoire, org. Le GOFF, 1978: 169)

A história fez um retrocesso a seus fundadores, debruçando-se no

(...) estudo das utensilagens mentais que o domínio de uma história mais para o social tinha em certa medida relegado para o segundo plano. Sob a designação de história das mentalidades ou de psicologia histórica – delimitava-se um novo campo, distinto tanto da antiga história intelectual literária, como da hegemônica histórica econômica e social. (Chartier, 1990: 14,15)

Isto é, construindo-se e aplicando-se cada vez mais a novos objetos, a novos campos, a História busca identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, interpretada e deixada para a posteridade. Nesse sentido, é necessário pensar essa *história* como um trabalho de *representação*, isto é, como são traduzidas as posições e interesses dos indivíduos que compõem a sociedade, como pensam que ela é, como agem, ou como gostariam que ela fosse. Essa representação passa a ser entendida como uma interligação: uma *imagem presente* suscita um *objeto ausente*, numa relação de interdependência que regula os indivíduos em diversas situações.

Não se deve deixar de esclarecer, no entanto, que, nos anos 60 do século XX, essa noção de *mentalidade*, chamada por Chartier de *à francesa*, tornou-se mais particular ainda, ou seja, passou a ser compreendida como a mentalidade de um indivíduo, aquilo que lhe é ao mesmo tempo particular e aquilo que ele tem de co-

num com outros homens de seu tempo, formando um *mental coletivo* de uma época, as *idéias* mesmo, uma *psique* coletiva de uma civilização, o singular e o diferenciador entre as sociedades, objetos com os quais a história tradicional pouco se preocupava:

(...) C' est donc par le biais de ces statistiques mentaux qui déterminent les comportements individuels, et auxquels s' intéresse de son côté, en utilisant les méthodes Qui lui sont propres, toute une anthropologie historique en gestation; ses recherches portent sur l' aménagement du temps et sur la manière de le vivre et de le penser, sur les coutumes populaires (...) sur les fêtes, les gestes, la mémoire collective, etc. (Pomian, in La nouvelle histoire, LE GOFF, 1978: 128)

Logo, o que importa para os *idealistas*, tanto quanto a *idéia*, e talvez ainda mais, é a sua *encarnação* e suas significações, ou melhor, estudar seus enraizamentos e sua circulação, reconstruir o que está visível e o que está imerso, identificar as divisões e relações que constroem o objeto de estudo.

É necessário, pois, reconhecer uma nova articulação entre a estrutura cultural e a social, enxergá-las como se fossem um *palácio de espelhos*, buscando delinear circulações e enraizamentos, como uma verdadeira *história cultural*, em busca não só das idéias, mas de seus reflexos e interpretações.

Devido a essa preocupação, o século XX viu frutificar as *História das Idéias*. Surgiram, por exemplo, as da Pedagogia, da Psicologia, das Ciências Sociais e da Lingüística. Foi nesse momento que se deu, de forma tão produtiva, a aproximação dessa última com a História:

No grande jogo contemporâneo das comparações interdisciplinares, parece bastante evidente, ou melhor, natural, que lingüística e história devam ser confrontadas; nesta ciência do movimento dos povos que a história instituiu, seria estranho que não desempenhasse seu papel a ciência que estuda esse meio essencial de comunicação, as linguagens. (Chevalier, in Goff & Nora, 1995: 84)

4. História das Idéias Lingüísticas

O que é uma idéia lingüística? É todo saber construído em torno de uma língua, num dado momento, como produto quer de uma reflexão metalingüística, quer de uma atividade metalingüística não explícita (Auroux, 1989).

A História das Idéias Lingüísticas permite, então, estudarem-se não somente as antigas gramáticas portuguesas anteriores à de Adolfo Coelho (2ª metade do século XIX), como as primeiras escritas por brasileiros (as de Moraes Silva e de Frei Caneca, por exemplo) e também qualquer outro saber fundado na ciência lingüística, como o estudo, no Brasil, das obras gramaticais surgidas a partir do compêndio de Júlio Ribeiro (1881). Assim, toda a tradição gramatical é uma parte das idéias lingüísticas:

Fazer história das idéias nos permite: de um lado, trabalhar com a história do pensamento sobre a linguagem no Brasil, mesmo antes da Lingüística se instalar em sua forma definida; de outro, podemos trabalhar a especificidade de um olhar interno à ciência da linguagem, tomando posição a partir de nossos compromissos, nossa posição de estudiosos especialistas em linguagem. Isto significa que não tomamos o olhar externo, o do historiador, mas falamos como especialistas de linguagem, a propósito da história do conhecimento sobre a linguagem. (...) portanto, capazes de avaliar teoricamente as diferentes filiações teóricas e suas conseqüências para a compreensão do seu próprio objeto, ou seja, a língua. (Orlandi, 2001: 16).

Além disso, a História das Idéias Lingüísticas contempla o estudo das Instituições onde, por exemplo, no século XIX, tais saberes eram discutidos, alargados, disseminados, os veículos por onde circulavam e as polêmicas que suscitavam, pois, de acordo com Auroux (1989), o historiador deve projetar os fatos num hiperespaço que comporta essencialmente três tipos de dimensão: uma cronologia, uma geografia e um conjunto de temas.

Dessa forma, pode-se estudar, por exemplo, o Colégio de Pedro II, criado em 1837, e proposto como modelo, com o *desejo*

da boa educação da mocidade, o único estabelecimento público existente no Rio de Janeiro durante o Império. O estudo de seu currículo, dos programas das várias disciplinas e das inúmeras reformas que sofreu, na tentativa de servir de norma, de padrão, levam-nos a entender melhor o processo de formação do Estado e o momento de inserção da Língua Portuguesa como disciplina. Assim, o currículo, com ênfase acentuada nos estudos clássicos (Latim e Grego) e na Retórica e Filosofia e com número pequeno de aulas de Gramática Nacional, revela a clientela a que se dirigia: *destinado antes à preparação de uma elite do que à educação do povo* (Azevedo, 1963: 572) e ele se mantém de acordo com os desejos dessa elite, que, ao entrar na escola, já dominava a norma culta: assim eram mais importantes o latim e a retórica do que a gramática nacional para a qual dois anos eram mais do que suficientes (Fávero, 2002: 73).

Além disso, Ventura (1991: 106) explica que, a partir de meados do século XIX, sob forte influência evolucionista, estudiosos costumavam publicar seus trabalhos em periódicos para, além de divulgá-los, expô-los à crítica e apreciação de outros intelectuais, já que, segundo os princípios de tal doutrina, a crítica seria um elemento *refinador* da inteligência: *O debate traria a evolução da literatura e do pensamento, promovendo a sua seleção e depuração*. As inúmeras discussões sobre a questão da Língua Portuguesa ocorridas naquela época fornecem um importante subsídio para a compreensão de nosso saber lingüístico.

Devido a essa abrangência, trabalhar a História das Idéias Lingüística, uma ciência jovem que praticamente se iniciou no século passado e que se filia à história das culturas, das sociedades e dos movimentos científicos, é trilhar um caminho de dimensões múltiplas e contornos muitas vezes obscuros, como se verá a seguir.

4.1. Método e limitações do pesquisador

Frente a tal diversidade, ao pesquisador cabe, antes de tudo, a tarefa principal de fazer o levantamento do maior número possí-

vel de fontes para sua análise, porém muitas são as dificuldades com as quais se deparará, dentre as quais se destacam:

1ª - **a exaustividade:** quanto mais o inventário aumenta, mais esfumada a noção de exaustividade, ou melhor, mais seu caráter ilusório e ideológico se afirma (Delesalle e Chevalier, 1986:13)

Além disso, o ato de saber possui *um horizonte de retrospectção e um de projeção* (Auroux, 1987). O saber não destrói seu passado; ao contrário, ele o organiza e o escolhe, do mesmo modo que antecipa seu futuro.

Sans mémoire e sans projet, il n'y a tout simplement pas de savoir. (Auroux, 1989:14).

Logo, ao pesquisador cabe recolher *os fios* que constituem o saber em estudo, identificá-los, *esticá-los* para atá-los às diferentes áreas do contexto. Depois disso, esses fios deverão ser estendidos

(...)para trás no tempo, a fim de determinar as *origens* do evento, e para a frente no tempo, a fim de determinar seu *impacto e influência* sobre os eventos subseqüentes. Essa operação termina no ponto em que os *fios* desaparecem no *contexto* de algum outro evento ou convergem para provocar a ocorrência de algum novo evento. (White, 1992: 33).

2ª - **a busca das fontes:** empreitada extremamente perigosa, por vários motivos, especialmente:

· o acesso à documentação

O acesso ao material nem sempre é fácil e supõe uma longa convivência com vetustas bibliotecas, arquivos, microfimes, manuscritos e obras raras; além disso, como diz Frébvre:

L'histoire se fait avec des documents écrits, sans doute. Quand il y en a, mais elle peut se faire, elle doit se faire, avec tout ce que l'ingéniosité de l'historien peut lui permettre d'utiliser.

(L'histoire et ses méthodes, Encyclopédie de la Pléiade, 1961:1512).

· estudo da documentação

No tocante ao estudo do material deve-se considerar:

- a) a intransponível distância espaço-temporal entre o cenário no qual viveram as personagens que produziram as obras que constituem o objeto de estudo e o contexto em que se produz o trabalho. (Fávero, 1996: 16).

The history of linguistics includes not only the history of grammatical theory - but also the history of policies and attitudes toward language, as well as the philosophy of language, logical semantics and language - related religious thought (Swiggers, 1992:140).

- b) a seleção e interpretação dos dados – além da convivência solitária com o pó das bibliotecas, há o fato de que nem sempre se conseguem localizar obras ou edições.

Tome-se como exemplo as gramáticas brasileiras do final do século XIX, produzidas, sobretudo, para contemplar o Programa de Exames do Colégio de Pedro II, idealizado por Fausto Barreto. São obras de uma fase de transição nos estudos lingüísticos brasileiros, o momento de instauração do nosso *período científico* (Elia, 1975). Na época, o mundo intelectual era influenciado por inúmeras correntes científico-filosóficas, vindas principalmente da Europa. Nossos estudiosos, no contato com essas teorias, muitas vezes, reviam seus conceitos e pareceres a respeito da língua, obrigando-se a reeditar seus compêndios com definições e até exemplos, atendendo a essas novas concepções. Muito freqüentemente havia na capa dessas gramáticas uma observação em itálico notificando aos leitores: *Corrigida e muito melhorada*.

Imagine-se agora o estudioso que desejasse hoje percorrer, reconstruindo, a obra gramatical de João Ribeiro, por exemplo. Quantas idas a bibliotecas, ao setor de obras raras, e visitas a sebos ser-lhe-iam necessárias na tentativa de reunir um número significativo de exemplares, dentre as dezenas de edições que teve a *Gramática Portuguesa*⁴ (Curso Superior). Pior seria se esse

pesquisador procurasse ainda desenhar a abrangência do trabalho de João Ribeiro na virada do século, dedicando-se a estudar, além dessa obra, a sua *Gramática da Infância* e a de Ensino Médio (publicadas entre 1888 e 1889), o seu *Dicionário Gramatical* (1889) e ainda os seus *Estudos Filológicos* (1902). Quantos anos teria ele de dedicar-se a isso ! Quantas não seriam as dificuldades por que passaria, num país como o nosso, que não desenvolveu satisfatoriamente o hábito de preservação de sua história escrita. Nada difícil que ouvisse por parte de *livreiros*: livros velhos!? Vão para a reciclagem...

É preciso considerar também o pesquisador, no caso o lingüista, que, além de todas as especificidades de sua área, deverá a somar a de *historiador*, com qualidades próprias, inteligência e sensibilidades particulares. Um homem do hoje, enraizado em um meio social determinado, com preocupações, inquietudes e problemas e com sua própria maneira de sentir e pensar o mundo. Quanto mais significativas forem essas características, mais se mostrará capaz de penetrar e descobrir a riqueza da realidade do ontem que ele estuda, atentando para o risco de examinar o passado *com um olho por assim dizer, sobre o presente – fonte de todos os pecados e sofismas em história.* (in Carr, 1996:77)

Conclusão

Vencidos esses obstáculos, pode-se dizer, resumidamente, que o estudioso da História das Idéias Lingüísticas, mais que localizar a fonte de um pensamento, deverá analisar, no contexto em que foi criada, como frutificou, foi compreendida, difundida, interpretada e representada, mergulhando em sua profundidade, enxergando os fios que a constituíram e todos os seus reflexos, favorecendo uma melhor compreensão da Lingüística atual.

⁴ Procedeu-se à atualização ortográfica dos títulos das obras.

No dizer de Auroux (1989:15):

Par idées, nous voulons simplement dire savoirs ou représentations générales.

ABSTRACT: *First of all, this work focuses on the analysis of the relationship between the History of Linguistic Ideas and the History of Ideas, a science born with the Annales and with the École des Annales, in 1929. This is done as it discusses the notion of history understood no longer as a mere display of ideas and dates, but as a cultural and interdisciplinary science, whose role is to both establish relations and analyze representations. Moreover, this work examines the concept of linguistic ideas, the asks and limitations of researcher that deals with the History of Linguistics Ideas, as it emphasizes two of his main difficulties: exhaustion and the process of search, selection and interpretation of data. In this sense, it points out to the fact that this scientist ought to add specificities of a historian's area to that of his own area.*

KEYWORDS: *History; History of Ideas; History of Mentalities; History of Linguistic Ideas.*

BIBLIOGRAFIA

- ARIÉS, P. I – (1978) - *L'histoire des mentalités* – in: Le GOFF, CHARTIER e REVEL (org) *La nouvelle histoire* – Paris: Retz
- AUROUX, S. (1987) – *Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques*, in Schmitter P., dir., *Geschichte der Sprachtheorie*, 20-42 (introduction).
- _____. (1989) – *Histoire des idées linguistiques - I* – Paris: Pierre Mardaga Editeur.
- _____. (1992) – *A revolução tecnológica da gramatização* – Campinas: Editora da UNICAMP.
- AZEVEDO, F. (1963) - *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*, Brasília: Universidade de Brasília, 4ª edição.
- BRAUDEL, F (1989) - *Gramática das civilizações* – São Paulo: Martins Fontes.

- BURKE, P. (1992) - *A escrita da história* - São Paulo: UNESP.
- CARR, E. H. (1996) - *O que é história ?* - São Paulo: Paz e Terra.
- HARTIER, R. (1990) - *A história cultural: entre práticas e representações* - Rio de Janeiro: Memórias e Sociedade, Bertrand Brasil.
- CHEVALIER, J.C (1995) - *A língua* - in: *História: novos objetos*- São Paulo: Livraria Francisco Alves - 4ª edição.
- DELESALLE, S. E CHEVALIER, J.C. (1986) - *La linguistique, la grammaire et l'école 1750-1914* - Paris: Armand Colin.
- ELIA, S. (1975) - *Ensaio de filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- ENCYCLOPÉDIE DE LA PLÉIADE (1961) - *Histoire et ses méthodes* - Volume publié sous la direction de SAMARAN: Librairie Gallimard..
- FALCON, F. J.C. (2002) - *História cultural :uma nova visão sobre a sociedade e a cultura*- São Paulo: Campus.
- FÁVERO (1996) - *As concepções lingüísticas no século XVIII: a gramática portuguesa* Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____. (2002) *O ensino no império: 1837-1867- trinta anos do Imperial Collegio de Pedro II* - in ORLANDI e GUIMARÃES - *Institucionalização dos estudos da linguagem* - Campinas: Pontes.
- FEVRE, L. (s/d) *Combates pela história* - Lisboa: Editorial Presença.
- LE GOFF, J., CHARITER, R. REVEL, J. (1978) - *La nouvelle histoire* - Paris: Retz.
- GOFF E NORA (1995) *História: novos objetos*. São Paulo: Livraria Francisco Alves - 4ª edição.
- ORLANDI, E. (org.) (2001) - *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional* - Campinas: Pontes.
- POMIAN, K.(1978) *L'histoire des structures* in: Le GOFF, CHARTIER e REVEL (org) *La nouvelle histoire* - Paris: Retz
- REIS, J.C. (1996) *A história entre a filosofia e a ciência* - São Paulo: Ática.
- SWIGGERS, P. (1992) *History of Linguistics* in W. Bright (ed), *International encyclopedia of linguistics*, vol.2, Oxford: Oxford University Press.
- _____. (1997) *Histoire de la pensée linguistique* - Paris: Presses Universitaires de France.
- VENTURA, R. (1991) *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil- 1870-1914*, São Paulo: Schwarcz.
- WHITE, H. (1992) *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX* - São Paulo: EDUSP.